

# **Cemitério das Irmandades: uma visita à Memória e ao Patrimônio Cultural Jaguareense (RS)**

Larissa Bitar Duarte – [larissa.bitar@gmail.com](mailto:larissa.bitar@gmail.com)

Daniel Luciano Gevehr – [danielgevehr@hotmail.com](mailto:danielgevehr@hotmail.com)

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR)

Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)

**Resumo:** O presente estudo relaciona a importância do Cemitério das Irmandades de Jaguarão com a história da cidade, dentro de um contexto de interpretação de elementos simbólicos que compõe a arte tumular explícita em túmulos e mausoléus, que nos levam a uma temporalidade em que a arquitetura revela a riqueza do patrimônio cultural Jaguareense. Esses elementos possuem a capacidade de destacar subsídios para compreensão da identidade da sociedade na conservação de seu patrimônio cultural, com essa ideia POULOT (2008) os define como: lugares vistos que guardam a memória, relacionando assim, a construção com a presença material do passado. Dentro desse espaço geográfico, se destaca a paisagem que é a forma para o entendimento e a compreensão do passado, presente e futuro (DELPHIM, 2004) deste museu a céu aberto. Com características próprias e de fácil leitura, a imagem personalizada através dos elementos que compõe cada espaço tumular, é relacionada à pesquisa com os conceitos de memória, patrimônio cultural, identidade e arte tumular. A identificação desses elementos que transcendem a história do Rio Grande do Sul, é compreendida neste recorte espacial através das pessoas ilustres que ali estão enterradas sob uma análise crítica de sua importância na história e na formação da cidade de Jaguarão e do estado, sendo o principal assunto que norteia este estudo.

**Palavra-chave:** Arte Tumular, Patrimônio Cultural, Cemitério e Turismo de Necrópoles.

## **1. Introdução**

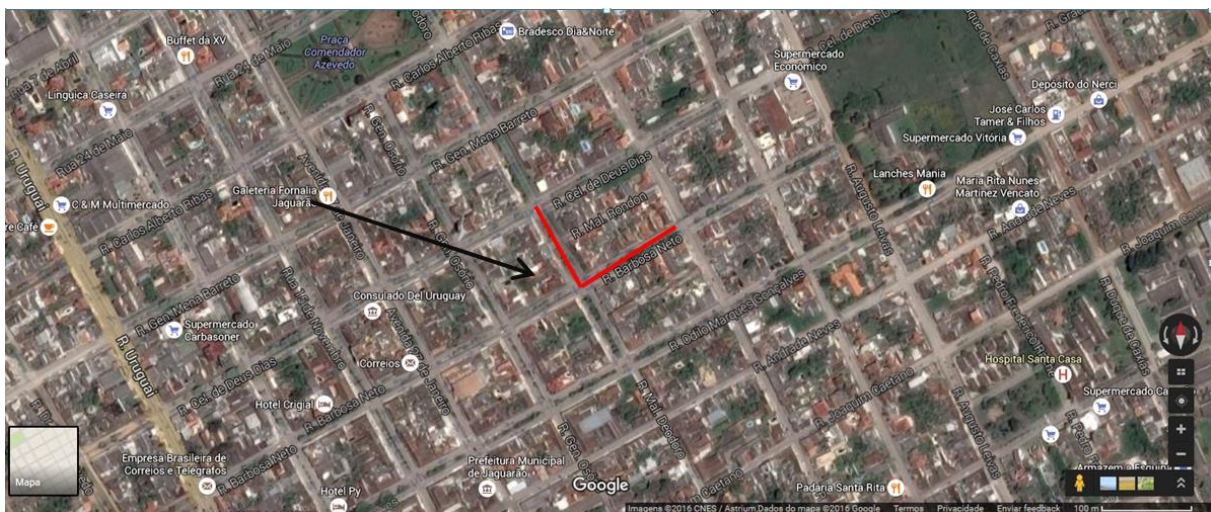
Sendo Jaguarão uma cidade brasileira que faz fronteira com o Uruguai (cidade de Rio Branco), e desde sua formação foi ponto de trânsito de pessoas de diversos países e de culturas distintas, vê-se em sua história, arquitetura e cultura toda uma riqueza peculiar aos lugares de fronteira. A Identidade de um lugar, por sua vez, baseia-se na memória social e se constitui como um fenômeno da essência humana, que busca preservar seu patrimônio para si e para futuras gerações.

Em 1855 na cidade de Jaguarão, segundo SOARES (2011) inicia-se a história da fundação do Cemitério das Irmandades, quando na época um grande número de pessoas vitimadas pelo Vírus *cholera morbus* veio a falecer. Neste mesmo ano no dia 21 de novembro, foi oficialmente declarada a epidemia, após a morte de 86 pessoas devido ao vírus.

De acordo com as notícias da época, fugas em massa de indivíduos desesperados foram relatadas, estes sempre em busca de outros lugares que não tivessem sido atingidos ainda pela doença. Sendo assim parte da população mudou-se de cidade e outra grande parte veio a falecer em função da epidemia. Com o passar do tempo foi constatado surtos em outras cidades e estados, sendo assim a doença já havia se alastrado.

Não obstante à chegada do indivíduo que fazia parte da Comissão de Higiene Pública da Província, chamado Facultativo, trazendo consigo uma porção de medidas sanitárias, profiláticas e de preocupação, que deveriam ser aplicadas imediatamente, uma grande parte da população veio a falecer. Essas pessoas foram sepultadas no cemitério que existia na cidade, localizado nas imediações das atuais ruas Barbosa Neto e Marechal Deodoro (Figura 1). Esse espaço fúnebre, hoje em dia, faz parte do centro da cidade com edificações sobre ele.

Figura 1 – Localização do antigo Cemitério



Fonte: Google Maps

Em virtude do acontecimento dessa epidemia, inúmeras medidas foram tomadas pela população, entre elas a decisão da necessidade de ser erguido um novo cemitério, mais afastado do centro. Esse terreno, então doado por um morador da cidade a pedido da Igreja, foi destinado ao novo espaço para os mortos sob a organização das irmandades: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Em 1856 o Pe. João Themudo, que possuía uma grande influência na comunidade por ser reverendo, maçom, e por fazer parte da primeira Câmara de Vereadores do estado, definiu o lugar onde seria construído o cemitério. Logo, em 1858, deu-se a inauguração do Cemitério das Irmandades, através da igreja católica e suas irmandades religiosas existentes na cidade de Jaguarão, que se encarregaram da construção e manutenção do campo santo, sem, contudo

deixar faltar um espaço para os mortos acatólicos (mortos que não tinham nenhuma religião) (Figura 2).

Figura 2 – Local destinado aos acatólicos



Fonte: Arquivo pessoal

Essas irmandades organizaram a planta baixa do cemitério, que se encontra no alto da colina a oeste da cidade, ocupando uma área de 13.512m,<sup>2</sup> dividindo o espaço em duas alas; na ala direita os túmulos pertencentes a Irmandade de Nossa de Senhora da Conceição e na ala esquerda ficou destinado aos mortos da Irmandade do Santíssimo Sacramento (Figura 3). Ao fundo do corredor que divide as duas alas, foi construída uma pequena igreja destinada às famílias e dos mortos e as práticas religiosas solicitadas pela população, com uma identidade explícita na fachada com referências maçônicas e católicas em sua simbologia (SOARES, 2011) (Figura 4).

Figura 3 – Ala do Santíssimo Sacramento



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4 – Igreja localizada no Cemitério das Irmandades



Fonte: Arquivo pessoal

Passados sete dias da inauguração oficial do cemitério, o Pe. João Themudo veio a falecer, sendo sepultado na ala esquerda referente à irmandade Santíssimo Sacramento. Tal mausoléu está edificado no primeiro espaço da ala referida, enterrado a sete palmos do chão conforme o Padre Themudo deixou escrito em suas anotações (Figura 5).

Figura 5 – Mausoléu do Padre Themudo



Fonte: Arquivo pessoal

Os lugares de Memória aqui estudados como os cemitérios, surgiram da necessidade de afastar os mortos do ambiente dos vivos e ao mesmo tempo conservar a identidade dos sepultados na memória das gerações.

Para que o conhecimento sirva como acervo do conteúdo preservado, é necessário um conjunto de informações originais que provem a autenticidade dos fatos ocorridos. Nos ditos “Campos Santos” encontramos elementos materiais, em volta do que podemos considerar cada sepultura um “Monumento ao Morto”.

Cruzes, epitáfios, estatuas, estrelas, caveiras, símbolos maçônicos, materiais valiosos como metais, remetem ao lugar exato onde ocorreu e quem está sepultado, servindo de fonte material que conferem certa imortalidade ao espaço (REZENDE, 2007).

## 2. Desenvolvimento

### 2.1. Patrimônio Cultural e Monumento

Em seu artigo FUNARI (2001) ressalta os diferentes sentidos do conceito de Patrimônio Cultural. Como a palavra derivada do latim *Patrimonium* se refere à propriedade herdada, “herança”, os alemães usam a palavra *Denkmalpflege* como “cuidado”, “cuidado dos monumentos” e os ingleses se referem à *Heritage* aquilo que “foi ou pode ser herdado”, a generalização das línguas também se refere à *Patrimonium* aos monumentos herdados das gerações anteriores. Havendo a possibilidade de ligar as pessoas aos seus percursores, existe

uma definição econômica e jurídica sobre propriedade cultural. A consequência desse fato é que “Propriedade Cultural é sempre uma questão Política e não Teórica”.

Segundo JÚNIOR (2012) o conceito de Patrimônio Cultural é um conjunto de materiais de um povo que está atrelado à memória e a identidade dentro do viés da educação patrimonial conservando o conhecimento e a identificação, onde o autor defende o legado cultural dos valores das gerações passadas que balizam o presente protegendo o futuro.

FERREIRA (2006) coloca patrimônio como originado da permanência do passado no presente e para o futuro resguardando algo significativo para as identidades culturais.

O patrimônio como categoria de pensamento é um esforço constante do resguardo do passado no futuro, mas que exige o reconhecimento e o devido valor pela sociedade conferida ao objeto ou ao evento como patrimônio em questão. Além disso, a autora expõe o simbolismo do patrimônio como um lugar de resistência ao desencantamento do mundo.

TOMAZ (2010) realiza um estudo sobre a preservação do patrimônio cultural e também faz uma reflexão da trajetória de preservação do patrimônio cultural nacional dando ênfase ao desenvolvimento da valorização e preservação dos bens pelo governo brasileiro. Para analisar esse contexto constatou a importância de preservar bens patrimoniais resistindo às pressões capitalistas, prevenindo e/ou corrigindo a destruição do bem tombado por agentes naturais ou humanos.

O termo monumento se destaca por ser um substantivo que deriva do latim *monere* com o significado de “fazer lembrar” e que remete ainda a “mausoléu”. O objetivo da preservação é a guarda da memória dos acontecimentos, origens e razões de ter havido. O termo patrimônio histórico (monumento, materialidade) atualmente chamamos patrimônio cultural abrangendo bens culturais de identidades coletivas; essa nova abordagem ampliou a noção de patrimônio com paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomia, arte, documentos e sítios arqueológicos.

Foi verificado ainda que no Brasil a valorização do patrimônio cultural remonta do período da revolução francesa. O estado francês nessa época tinha como interesse a conservação dos bens com a finalidade de consolidar a sua supremacia. Já no Brasil a atenção para a preservação de bens de valor nacional tem o sentido de consolidar a identidade do país, mas com o mesmo sentido dos valores da revolução francesa.

Na década de 20 o Brasil demonstra mais preocupação com a preservação do patrimônio histórico nacional, devido à deterioração de bens históricos, descaso com as cidades históricas, onde os intelectuais e pessoas ligadas às artes denunciaram a dilapidação do que seria um “tesouro nacional”, como já citado por FUNARI (2001) onde os bens

materiais de valores históricos foram destruídos com o intuito de uma “modernização” do país.

Atualmente, a constituição atenta para proteção dos bens culturais do Brasil; um exemplo disso são as políticas públicas que protegem o patrimônio de um modo geral.

Dessa maneira, podemos dizer que memórias são lembranças, reminiscências e vestígios, que servem como registros, permitindo assim a construção de uma identidade individual e coletiva e também estabelecendo relação entre o passado e o presente permitindo enxergar o futuro. Por ser um elemento vivo, a memória pode sofrer modificações e alterações ao longo do tempo.

## **2.2. Arte Cemiterial e Turismo de Necrópoles**

A palavra cemitério pelo grego *koimeterion*, significa dormitório e pelo latim *coemeterium*, significa lugar onde se dorme. De acordo com o cristianismo o termo tomou o sentido de “campo de descanso após a morte”, referindo-se a necrópole, carneiro, sepulcrário, campo santo, cidade dos pés juntos e última morada (OTOBELLI; VAILATTI, 2007).

Sabe-se que a morte é tão antiga quanto o ser humano, assim como o costume de zelar pelos mortos que surgiu acerca de 100 mil anos antes da nossa era. Ainda na pré-história realizavam-se rituais fúnebres, registrados arqueologicamente em escritas e desenhos, onde havia um cuidado com as sepulturas e corpo morto. Então, no período cultural, também chamado de Paleolítico Superior, quando se desenvolveu a autoconsciência, simbolismo e as convenções de linguagem, a morte, até então vista como um mistério, passou a ser reconhecida como técnica de culto à magia e à religião:” Daí o tratamento dado aos mortos, que eram cuidadosamente sepultados mesmo pelo homem neandertalense, e que, pelos povos do paleolítico Superior muitas vezes eram recobertos com ocre vermelho, presumivelmente à guisa de material vivificante e providos de utensílios e alimentação.” (BOWLE, 1964)

A partir do grande acervo de arte cemiterial que possui o Cemitério das Irmãs de Jaguarão (RS) é possível fazer uma análise do potencial a ser explorado no contexto de desenvolvimento da região através do Turismo de Necrópoles, cujo acervo histórico oferece uma opção de turismo cultural que aborda a identidade, a memória e o patrimônio de um povo. Ainda que sofra limitações – e resistências locais quanto às suas potencialidades – é importante resgatar os valores que esse patrimônio cultural edificado possui, sendo guardião de inúmeras temporalidades e transformações da sociedade Jaguareense formatando um produto que resgata e traz grandes informações de cunho histórico e paisagístico da cidade e

do estado do Rio Grande do Sul, que neste local está explicitamente marcado em sua arte tumular (SOARES, 2011).

Nesse contexto – que procura articular e promover a valorização do Patrimônio Cultural com a atividade turística – o turismo é um segmento que vem crescendo em todo o mundo.

Através da conservação da paisagem arquitetônica, a cidade de Jaguarão é possuidora de um grande acervo cultural. Seu conjunto de edificações com mais de 800 prédios catalogados e tombados pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é hoje um dos principais fatores que movimentam a economia local e regional, onde diariamente a cidade recebe turistas encantados com as alegorias e a riqueza dos detalhes das edificações, que fazem parte do conjunto arquitetônico cultural, pois o turismo cultural se referencia na arte em suas diversas formas de se apresentar.

Dentro deste contexto existe a possibilidade de ampliação do leque de produtos turísticos do município com o Turismo Cultural. O cemitério das Irmandades apresenta um acervo, podendo tornar-se um produto turístico com qualidade promovendo o turismo sustentável, haja vista que o Turismo em Necrópole tem se mostrado possível e bastante valorizado no exterior.

CARRASCO E NAPPI (2009) citam em seu livro a sombra do terror dos cemitérios que é reforçada pelo cinema, sobretudo no gênero de filmes de terror. Com esse pensamento sobre cemitério, acredita-se que haja um incentivo a imaginação popular a criar ilusões e histórias que acabam se transformando em lenda sobre esses locais, dificultando a visita aos cemitérios.

Devido à imaginação do ser humano, o trabalho justifica-se pela necessidade latente de investigação científico-acadêmica para que haja um entendimento do ambiente acerca da identidade que se confere ao patrimônio com sua memória empírica resguardada em um espaço que é, muitas vezes, representado como solitário silencioso e de respeito – como é a necrópole.

REZENDE (2007) relata os diferentes tipos de cemitérios existentes no mundo, onde o cemitério de Jaguarão (RS) classifica-se como tradicional que tem como característica o enterro de pessoas tradicionais e grandes burgueses. Sua construção datada do século 19, também chamado de cemitério histórico, por fazer parte da história de Jaguarão.

De acordo com OLIVEIRA et al (2015) “a arte simbólica tumular faz parte dos rituais fúnebres desde a antiguidade. Os adornos colocados nos túmulos fazem parte da cultura humana desde os primórdios [...]” assim afirmando o que REZENDE (2007) cita em seu livro,



que refere-se ao texto dizendo que a arte funerária é uma forma de representação, ligada intimamente a determinado contexto histórico, ideológico, social e econômico, relacionando a vida e a morte. OLIVEIRA et al (2015) também ressalta que através da simbologia conseguimos expressar os sentimentos em relação a morte.

A tabela abaixo traduz a simbologia da arte tumular, descritos em alguns elementos citados:

| <b>Símbolo</b>         | <b>Significado</b>  |
|------------------------|---|
| Cachorro               | Guardiões da alma, sinal de lealdade ou companheiros que representaram em vida.   |
| Anjos                  | Como alegoria, demonstram vários sentimentos como: desolação, êxtase, alegria, tristeza.  |
| Mãos                   | Significado de união. Nos povos incaicos representa a morte.  |
| XP                     | Abreviação de Cristo. Em grego: Xispito.  |
| Serpente               | O fim do pecado original, além do ódio e a inveja e também a profissão do farmacêutico.   |
| Cruz Latina            | Sorte e esperança, representando o sacrifício e o sofrimento – a morte através da crucificação de Cristo.   |
| Tocha                  | Carrega o fogo que simboliza a traição, desta forma, representa a paixão.   |
| Cálice                 | Representa os Sacramentos Cristãos.   |
| Cruz Pontaguda         | Alusão à trindade do Cristianismo   |
| Âncora                 | Uso feito pelos católicos, em função do período de perseguição aos cristãos eles a utilizavam como código, pois ela parece com a cruz de Cristo.        |
| Ampulheta              | Simboliza o transcurso e o escoamento o tempo de vida. Também é encontrada associada a crânio e asas.   |
| Palma                  | Para os antigos romanos é símbolo de vitória. Para os cristãos, significa a glorificação celestial, representando o triunfo dos mártires sobre a morte. |
| Coração                | Um coração perfurado por objetos ou armas, representa a caridade, ou a profecia relacionada ao nascimento de cristo.                                    |
| Vaso                   | O vaso vazio representa o corpo sem alma; vaso com pássaro pousado na borda representa a eterna felicidade.   |
| Coroa                  | Marca da vitória ou da distinção. Indica também uma condição de nobreza.  |
| Girassol               | Simboliza a fé em Cristo.   |
| Grinalda/Guirlanda     | A grinalda de rosa representa a beleza e virtudes do falecido. Representa também a vitória, ou redenção no cristianismo.                                |
| Estrela de seis pontas | Conhecido como Estrela de David, é um símbolo tipicamente Judeu.  |
| Obelisco               | Enaltece o falecido e simboliza a grandeza faraônica.   |

JUSTO, NASSIF e SOUSA (2014) abordam os lugares de memória ditos cemitérios como um produto turístico sob uma perspectiva de desenvolvimento e de repassar o conhecimento que eles guardam nas áreas da história, arquitetura, etnografia, arte e religiosidade.

A relação que os cemitérios têm com os bens tangíveis compreendem as construções tumulares, que se encontram nas capelas, jazigos, túmulos, que apontam uma hierarquia social

e, também a exemplo de bens intangíveis as histórias contidas naqueles túmulos, preservadas e transmitidas às pessoas que visitam.

O turismo tendo como base o espaço/lugar descobriu o ambiente cemiterial como um grande objeto de estudo para a preservação de um patrimônio histórico, da memória cultural, familiar e coletiva e da identidade das sociedades.

O autor faz lembrar no artigo que carregado de signos, o ambiente cemiterial sempre remeteu ao visitante uma ideia de obscuridade, de perda, lamentações e “fantasmas”, sendo isso inclusive explorado pelas produções cinematográficas.

As pessoas que praticam a atividade do turismo em cemitérios não são um grande público, pois existe uma limitação entre o estranhamento e as mitificações que os rodeiam, mas devido as diferentes culturas do mundo em alguns lugares são consideradas atrativos turísticos e fazem parte dos roteiros turísticos.

BRANDÃO (2010) define necroturismo como visita a lugares assombrados (com direito a aparelhos especiais para constatar qualquer tipo de atividade paranormal) e turismo cemiterial como a visita a cemitérios, porém visando o seu teor cultural, histórico e artístico, podendo incluir aspectos lendários.

O turismo nos campos santos torna-se elemento de desenvolvimento da sociedade como fonte de trabalho e renda, dinamizando a economia local (CABANAS E RICCI,2008) promovendo o setor de hotelaria, gastronomia, negócios, eventos religiosos e receptivos.

Atualmente no Brasil o turismo cemiterial é um segmento recente, o movimento da modalidade turística iniciou na Europa como estudos e apreciação do patrimônio histórico e arquitetônico na busca de personalidades mortas.

Na Europa os cemitérios são pontos turísticos consolidados, os tours são monitorados por historiadores e pessoas que conhecem a história e a arquitetura do local. Por serem os mais visitados do mundo, podemos citar três necrópoles mais conhecidas da cidade de Paris na França, o cemitério de Père-Lachaise, criado em 1805, o cemitério Montparnasse, inaugurado em 1824, e o cemitério de Montmartre de 1825. Eles estão marcados como roteiro turístico a cidade, lado a lado outros destinos conhecidos pelo mundo, como a Torre Eiffel e o Museu do Louvre. Como exemplo Père-Lachaise abriga 70 mil túmulos, recebe 2 milhões de visitantes anualmente sendo conduzido por guias de turismo bilíngues, que os levam aos jazigos mais significativos do espaço fúnebre. Já o Monumental de Milão, localizado na Itália, datado de 1866 é uma marca da cidade, pois ainda recebe turistas para visitas guiadas desde 1998, onde passam por lá cerca de 80 mil visitantes no ano.

Em 2001 a Association of Significant Cemeteries in Europe (ASCE), com a representação de 21 países, foi criada com o objetivo de estabelecer uma rede de turismo em necrópole europeias (QUEIROZ, 2008)

Sendo os cemitérios europeus referencia para o turismo cemiterial, aos poucos estão aparecendo os cemitérios brasileiros, dentro dos roteiros turísticos da cidade, como valorização do seu patrimônio. Rio de Janeiro e São Paulo possuem programas específicos com visitas guiadas aos cemitérios atualmente. Em destaque personalidade ali sepultadas, obras de arte junto com a tranquilidade do local.

A efetivação deste trabalho ofertará a oportunidade aos Jaguarenses de ter mais conhecimento sobre a origem e importância deste pedaço de chão e de seu acervo de arte funerária que identifica diversas épocas e fatos ocorridos na comunidade.

Dentro dessa concepção é possível explorar o cemitério das Irmandades, que representa o início da sociedade Jaguarenses em um cenário com diversos elementos fúnebres, famílias importantes explorando a história e a arquitetura.

Para BASTIANELLO (2010), patrimônio significa uma herança ou algo herdado. Ela diz que nessa perspectiva o túmulo também é uma propriedade herdada de nossos antepassados, com isso, somos nós que devemos conservá-lo, preservá-lo e explorá-lo, sendo esse patrimônio um museu a céu aberto valorizando sua riqueza material que nos liga ao passado compreendendo o presente.

Quando este museu a céu aberto tem a função recreativa das necrópoles de explorar turisticamente promovendo o entendimento da memória e da identidade, a população passa a uma constante valorização da cultura e da história enfatizando como sítios de lembranças, artísticos e turísticos sofrendo um processo de preservação do campo santo.

### **2.3. Memória e Identidade**

Quando se fala em resgate da memória a autora faz uma referência ao sentido de identidade, pois a memória é dinâmica. A Identidade de um lugar resgata sua memória cultural e se constitui de um fenômeno da essência humana em preservar seu patrimônio para si e para futuras gerações.

Ainda sobre identidade podemos dizer que é aquilo que diferencia, identificando um homem de um grupo social, político, religioso, étnico etc., tratando-se de ações do homem para que seja possível a vivência em sociedade, ao longo dos anos e no dia-dia. Sabemos ainda que a identidade é uma categoria extremamente diferenciada dentro das ciências

humanas e sociais, podendo ser abordada tanto em relação à questão e gênero, definida a partir da religião, construída com contribuição da atividade profissional, estando intimamente ligada ao grupo étnico ao qual pertencemos (JUNIOR, 2012).

Para RANGEL (2002), a memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado; ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização, ligado à questão da identidade.

Sendo assim, memorizada, não cai no esquecimento e vai sendo, constantemente, grafada, narrada, tornando-se fonte histórica, que é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história.

### **3. Conclusão**

Embora a globalização tenha nos proporcionado e ofertado um grande acesso ao conhecimento do mundo em geral, podemos observar que as identidades culturais de cada povo ou sociedade continuam sendo resguardadas através da memória de cada segmento social que constituem o seu patrimônio cultural.

Esse patrimônio que pode ser construído por matéria e/ou emoções vem sendo preservado pelo homem através dos tempos. É motivado por razões emocionais, comerciais, políticas e jurídicas, haja vista a necessidade dos homens de estabelecer uma continuidade de sua existência para as futuras gerações.

A memória de um povo é essencial para a preservação de suas características. Essas características fornecem elementos para o fortalecimento de elos que constroem a identidade e o patrimônio desse povo.

O cuidado com a preservação dos patrimônios materiais teve início no século XVIII pelos franceses a partir da Revolução Francesa, e tinha por objetivo afirmar sua supremacia em relação a outros povos. O Brasil tendo como modelo o país europeu iniciou esse processo de preservação de seu patrimônio material e imaterial em meados do século XX (1920).

Através de vários estudos, pesquisas, reflexões, análises e interesses comerciais foi possível a identificação do entrelaçamento da memória, identidade e patrimônio. O patrimônio cultural juntamente com a identidade e a memória oferecem lastro e perspectivas para o desenvolvimento do turismo cultural, pois a busca pelo conhecimento, nossas origens, informações sobre nossa identidade, apresentação de provas originais de matéria ou fatos

acontecidos, fazem parte da curiosidade humana, e proporcionam cada vez mais a valorização desse trabalho.

Os cemitérios com ponto turístico possuem um grande acervo de história, pois ali se encontram registradas características de cultura, posição social, posição econômica e religiosa.

A arquitetura dos túmulos, a busca de informações sobre pessoas sepultadas (importantes ou não), as emoções causadas pelo medo através de histórias de horror, as superstições, figuras místicas e também o imaginário atraem a visita de inúmeras pessoas aos cemitérios.

Haja vista o aspecto principal dos cemitérios e seja relacionado com a morte, é visível e curiosa a intenção de manter viva a nossa memória, conseqüentemente formando a nossa identidade e nosso patrimônio cultural em qualquer lugar do mundo.

Com base em todos esses aspectos e características agregados a valores materiais e emocionais, percebe-se a possibilidade de desenvolver um produto chamado roteiro turístico que explore os aspectos culturais e sociais que envolvem a diversidade e a riqueza das características da população.

#### **4. Bibliografia**

BASTIANELLO, E. M. T. Os monumentos funerários do cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, ética e arte factual (1858-1950). Maio, Pelotas – 2010.

BRANDÃO, G. Equipe cemitérios p. Vamos passear...no cemitério? Disponível: <[http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/passear\\_no\\_cemiterio.pdf](http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/passear_no_cemiterio.pdf)> Visitado em: 14/12/2015.

BOWLE, J. Pequena Enciclopédia da História do Mundo. Editora Cultorix, vol 1. São Paulo. 1964.

CABANAS, A.; RICCI, F. Turismo de necrópole: Novos Caminhos Culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista. In: Revista Eletrônica Turismo Visão e Ação. 2008.

CARRASCO, G. L. A.; NAPPI, S. C. B. Cemitérios como fonte de pesquisa de educação patrimonial e de turismo. Revista de Museologia e Patrimônio, 2009.

DELPHIM, C. F de M. Intervenção em jardins históricos: Manual. Brasília: IPHAN, 2004.

FERREIRA, M.L.M. Patrimônio: Discutindo alguns conceitos. Dialogos – revista do departamento de história e do Programa de Pós Graduação em História. vol. 10. N. 3. Maringa, 2006.

FUNARI, P.P.A. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, ½, 2001, 23-32.

JUNIOR, C. B. L. Patrimônio cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial. Revista do Curso de Direito do UNIFOR, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2012.

JUSTO, G. M.; NASSIF, J. M.; SOUZA, L.F. O cemitério como um espaço turístico: realidade e possibilidades – uma análise do cemitério São José em Ponta Grossa – PR. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:r586CXZvuBkJ:efficienteventos.com/Festival/rabalho/artigo\\_cemiterio%255B1%255D.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:r586CXZvuBkJ:efficienteventos.com/Festival/rabalho/artigo_cemiterio%255B1%255D.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br) > Visitado em: 14/12/2015.

OLIVEIRA. E. C R.; MOREIRA F. B.; FRANSCISCO, V.S.; MONTES FILHO, C. H M.; MOREIRA, M. Expressões através dos símbolos tumulares no cemitério municipal Padre Rodolfo Kumoreck da Cidade de São José dos Campos. Disponível: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2005/inic/IC8%20anais/IC8-4.PDF](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2005/inic/IC8%20anais/IC8-4.PDF) > Visitado em: 15/12/2015.

OTOBELLI, D. ; VAILATTI G. L. Benedictus: os cemitérios de Flores de Cunha – arte, história, ideologia. Seculum. Flores da Cunha, 2007.

POULOT, D. Um Ecosistema do Patrimônio. In: CARVALHO, C.S. de GRANATO, M. BEZERRA, R. Z; BENCHERTRIT, S. F. (orgs). Um olhar Contemporâneo sobre a preservação do Patrimônio Cultural Material. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

QUEIROZ, F. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. In Anuário 21 gramas, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://www.21gramas.com> > Visitado em: 15/12/2015

RANGER, M. M. Educação patrimonial: conceitos sobre o patrimonio cultural. Reflexões e contribuições para a educação patrimonial. Belo Horizonte, 2002.

REZENDE, E. C. M. Cemitério. 1 ed. São Paulo: Necrópolis, 2007.

SOARES, E. A. S. Igreja Matriz do Divino Espirito Santo da cidade de Jaguarão. Porto Alegre. Evangraf, 2011.

TOMAZ, P. C. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. Revista de história e estudos culturais, maio-agosto, 2010, vol 7, ano VII, n. 2.